

Jorge Luis  
**Borges**

# Sete noites

Epílogo de  
Roy Bartholomew

Tradução de  
João Silvério Trevisan

Ilustrações de  
Carlos Clémen

**EDITORA**  
**Max**  
**Limonad**  
**T D A**

Rua Quintino Bocaiuva, 191 - 4º andar - s / 41  
CEP 01004 - São Paulo - SP - Fone 35-7393



Senhoras e senhores:

O descobrimento do Oriente foi um acontecimento capital na história das nações ocidentais. Seria mais exato falar de uma contínua consciência do Oriente, comparável à presença da Pérsia na história grega. Além dessa consciência do Oriente ser algo vasto, imóvel, magnífico e incompreensível, há momentos de culminância. Vou indicar alguns. Com isso, entraremos de maneira perfeitamente adequada num assunto que tanto amo desde minha infância: o *Livro das mil e uma noites* ou, como se chamou na versão inglesa (que li primeiro), *The Arabian Nights, Noites árabes*; no título inglês há também um certo mistério, ainda que seja menos belo do que *Livro das mil e uma noites*.

Enumero alguns fatos. Por exemplo, os nove livros de Heródoto, onde se faz a revelação do Egito, o distante Egito. Digo "distante" porque o espaço se mede pelo tempo, além de que as navegações eram muito arriscadas. Para os gregos, o mundo egípcio era maior. Eles o consideravam misterioso.

Mais tarde examinaremos as palavras Oriente e Ocidente, que não podemos definir mas que são verdadeiras. Acontece com elas o que Santo Agostinho dizia sobre o tempo: "O que é o tempo? Se não me perguntam, eu sei. Se me perguntam, desconheço". O que são o Oriente e o Ocidente? Se me perguntam, desconheço. Vamos procurar uma aproximação.

Há os encontros, as guerras e as campanhas de Alexandre, esse mesmo que conquista a Pérsia, conquista a Índia e finalmente morre na Babi-

lônia, segundo se conhece. Esse foi o primeiro vasto encontro com o Oriente, um encontro tão importante que Alexandre deixou de ser grego, para se tornar parcialmente persa. Hoje os persas incorporaram em sua história esse mesmo Alexandre que dormia com a *Ilíada* e a espada sob o travesseiro. Mais tarde voltaremos a ele. Mas já que mencionamos o nome de Alexandre, quero contar-lhes uma lenda que lhes interessará muito, tenho certeza.

Alexandre não morre na Babilônia aos trinta e três anos. Separa-se do exército e vagueia por desertos e selvas. Até que vê um clarão e encontra uma fogueira. A seu redor, há guerreiros de pele amarela e olhos oblíquos. Apesar de não o conhecerem, eles o acolhem. Sendo essencialmente um soldado, Alexandre participa de batalhas numa geografia com a qual não está nem um pouco familiarizado. Enquanto soldado, não lhe importam as causas; está sempre pronto para morrer. Passam-se os anos. Ele já se esqueceu de muitas coisas. Certo dia, durante o pagamento da tropa, Alexandre encontra entre as moedas uma que o inquieta. Coloca-a na palma da mão e diz: "Sou um homem velho. Esta é a medalha que mandei cunhar para celebrar a vitória em Arbela, quando eu era Alexandre da Macedônia". Depois de recuperar seu passado, nesse momento, ele volta a ser um mercenário tártaro, chinês ou algo assim. Esta invenção inesquecível pertence ao poeta inglês Robert Graves.

Já haviam predito a Alexandre que ele dominaria o Oriente e o Ocidente. Os países do Islã costumam celebrá-lo sob o nome de Alexandre

Bicorne, justamente porque tem os dois chifres, o do Oriente e o do Ocidente.

Vamos verificar outro exemplo desse longo diálogo entre Oriente e Ocidente — diálogo, aliás, muitas vezes trágico. Lembremos do jovem Virgílio a alisar uma seda estampada de certo país remoto — o país dos chineses, do qual ele sabe apenas que é distante, pacífico e muito populoso, além de abarcar os últimos confins do Oriente. Virgílio recordará essa seda nas *Geórgicas*. Uma seda inconsútil, que estampava imagens de templos, imperadores, rios, pontes e lagos diferentes daqueles que ele conhecia.

Outra revelação do Oriente também está presente num livro admirável: a *História Natural* de Plínio, onde se fala dos chineses e se menciona a Bactriana, a Pérsia, a Índia e o rei Poro. Existe um verso de Juvenal, que devo ter lido há mais de quarenta anos e de repente me volta à memória. Para falar de um lugar distante, Juvenal diz: *ultra Auroram et Gangem* — "além da aurora e do Ganges". Para nós, o Oriente encontra-se aí nessas quatro palavras. Talvez Juvenal o tivesse sentido tal como nós, hoje em dia. Imagino que sim, pois o Oriente sempre deve ter exercido fascínio sobre os homens do Ocidente.

Vamos continuar. Chegamos então à história de um curioso presente que talvez nunca tenha acontecido; aqui também se trata de uma lenda. Harun al-Raschid — Aarão, o Ortodoxo — manda um elefante a seu colega Carlos Magno. Devia ser impossível enviar um elefante de Bagdá até a França. Mas isso não importa; não custa nada acreditar nesse elefante — que é um monstro. Lembremos que a palavra "monstro" não signi-

fica algo horrível; Lope de Vega foi chamado de “Monstro da Natureza” por Cervantes. Com certeza, os francos e o rei germânico Carlos Magno devem ter achado muito estranho um elefante. (Aliás, é triste pensar que, por falar um dialeto germânico, Carlos Magno não pôde ler a *Chanson de Roland*.) Bem, enviam-lhe um elefante. E a palavra “elefante” nos faz lembrar que Roland mandou tocar o “olifante”, a trompeta de marfim que recebeu esse nome justamente por ser feita com o dente do elefante. E, já que estamos falando de etimologias, lembremos que a palavra espanhola “alfil”\* significa “o elefante”, em árabe, tendo a mesma origem que “marfil”\*\*. Em certas peças de xadrez oriental, vi um elefante com uma torre e um homenzinho. Essa peça não era a torre, como se poderia pensar, mas sim o *alfil* — o elefante.

Os guerreiros voltaram das Cruzadas trazendo muitas lembranças; lembranças de leões, por exemplo. Assim, houve o famoso cruzado *Richard the Lion-Hearted*, Ricardo Coração de Leão. O leão que se incorpora à heráldica é igualmente um animal do Oriente. Não podemos dar uma lista infinita, mas se pode mencionar Marco Pólo, cujo livro (ditado a um companheiro de cárcere, após uma batalha onde os venezianos foram vencidos pelos genoveses) significou uma importante revelação do Oriente — por muito tempo a maior. Aí, onde se encontra a história do Oriente, surge a figura de Kublai Khan, o mesmo que reaparecerá em certo poema de Coleridge.

\* Peça de xadrez, correspondente ao nosso “bispo”. (NT)

\*\* “Marfim”, em português. (NT)

Em Alexandria, a cidade de Alexandre Bicorne, é recolhida uma série de contos, ainda no século XV. Sabe-se que esses contos têm uma história estranha. Foram relatados na Índia, depois na Pérsia, a seguir na Ásia Menor e, finalmente, acabaram sendo compilados no Cairo, já escritos em árabe. Esse é o *Livro das mil e uma noites*. Quero examinar um pouco o título, que é um dos mais belos do mundo; creio que tão belo como aquele outro que citei antes e que é tão diferente — *Uma experiência com o tempo*.

Nesse título há uma beleza muito particular, talvez pelo fato de que a palavra “mil” seja para nós quase sinônimo de “infinito”. Falar em mil noites é falar em infinitas noites — muitas e inumeráveis noites. Dizer “mil e uma noites” é acrescentar uma além do infinito. Há, em inglês, uma expressão curiosa. Muitas vezes, não se diz simplesmente *for ever* (“para sempre”) mas *for ever and a day* (“para sempre mais um dia”). Ou seja, acrescenta-se um dia à palavra “sempre”. Isso lembra a dedicatória que Heine fez a uma mulher: “Eu te amarei eternamente e ainda depois”.

A idéia de infinito é consubstancial com *As mil e uma noites*.

Em 1704, foi publicada a primeira tradução européia, com o primeiro dos seis volumes do orientalista francês Antoine Galland. Pois bem, parece-me que o Oriente entrou definitivamente na consciência da Europa através do movimento romântico. Basta mencionar aqui dois grandes nomes: Byron, mais ilustre por sua imagem que por sua obra, e Hugo, ilustre em todos os sentidos. A seguir, aparecem novas traduções, até que

Menor, a Bactriana, a Pérsia, a Índia — esses países todos que se estendem para mais longe e que têm entre si muito pouco em comum. Assim, por exemplo, a Tartária, a China e o Japão são para nós o mesmo Oriente.

Ao dizer Oriente, creio que, em princípio, todos pensamos no Oriente Islâmico e, por extensão, no Oriente do norte da Índia. Parece ser esse, pelo menos, o primeiro sentido que captamos. Ora, tal coisa acontece por causa de *As mil e uma noites*. Há algo que sentimos como sendo o Oriente — algo que não senti em Israel mas senti em Granada e Córdoba. Essa presença do Oriente não sei se pode ser claramente definida. Aliás, nem sei se vale a pena definir algo que todos sentimos bem lá no íntimo. As conotações desta palavra são devidas ao *Livro das mil e uma noites*. É a primeira coisa que nos ocorre; só depois vamos pensar em Marco Pólo ou nas lendas do Preste João e naqueles rios de areia com peixes de ouro. Antes de mais nada, pensamos no Islã.

Vamos verificar a história desse livro e, a seguir, as traduções. Sua origem é desconhecida. Poderíamos pensar nas catedrais equivocadamente chamadas de góticas e que são obras de gerações inteiras de homens. Mas há uma diferença fundamental: é que os artesãos, os artífices das catedrais sabiam muito bem o que faziam. *As mil e uma noites*, ao contrário, surgem de modo misterioso. São obra de milhares de autores, mas nenhum deles pensou que estivesse edificando um livro ilustre, um dos mais ilustres de todas as literaturas — e mais apreciado no Ocidente do que no Oriente, segundo me dizem.

Agora, uma informação curiosa, transcrita pelo Barão de Hammer Purgstall, um orientalista citado com admiração por Lane e Burton, os dois mais famosos tradutores ingleses de *As mil e uma noites*. Ele fala de certos homens chamados *confabulatores nocturni*, homens da noite, cuja profissão é relatar contos durante a noite. Cita um antigo texto persa onde se diz que Alexandre da Macedônia foi o primeiro a ouvir tais contos, pois tinha o costume de reunir homens da noite que lhe contassem histórias, para distraí-lo da insônia. Esses contos devem ter sido fábulas. Suspeito, aliás, que o encanto das fábulas não esteja na moral. Esopo e os fabulistas hindus ficavam encantados quando imaginavam animais que fossem como homenzinhos, com suas comédias e tragédias. A idéia de um propósito moral foi acrescentada depois. De início, o mais importante era que o lobo falasse com o cordeiro, o boi com o asno e o leão com o rouxinol.

Portanto, Alexandre da Macedônia ouvia contos relatados por esses anônimos homens da noite, cuja profissão era relatar contos. E isso parece ter perdurado. Em seu livro *Account of the Manners and Customs of the modern Egyptians (Maneiras e costumes dos egípcios atuais)*, Lane conta que havia muitos narradores de histórias no Cairo, por volta de 1850. Calculava um número de cinquenta. Era comum narrarem histórias de *As mil e uma noites*.

Trata-se de várias séries de contos. Segundo Burton e Cansinos-Asséns (autor de uma admirável versão espanhola), a série da Índia forma o núcleo central; depois, passa para a Pérsia. Na Pérsia, os contos são modificados, enriquecidos

e arabizados. Até que finalmente chegam ao Egito, em fins do século XV. É quando se faz a primeira compilação, que já se originara de uma coletânea provavelmente persa — *Hazar afsana, Os mil contos*.

Por que inicialmente mil e, depois, mil e uma? Acho que há dois motivos. Um deles é a superstição (importante, neste caso) segundo a qual os números pares são de mau agouro; daí buscou-se um número ímpar e felizmente se acrescentou “uma”. Se tivessem colocado novecentas e noventa e nove noites, provavelmente sentiríamos falta de uma. Tal como ficou, sentimos que nos dão algo infinito e, de quebra, acrescentam uma noite a mais. Esse texto é lido e traduzido pelo orientalista francês Galland. Em que consiste e como se apresenta o Oriente nesse texto? O Oriente aí está, antes de tudo, porque ao lê-lo nos sentimos num país distante.

Se a cronologia e a história existem, trata-se de um fato ligado às pesquisas ocidentais. Não há histórias da literatura persa ou histórias da literatura hindustani; nem também histórias chinesas da literatura chinesa, pois a esses povos não interessa a sucessão dos fatos; para eles, a literatura e a poesia são processos eternos. No essencial, acho que têm razão. Acho, por exemplo, que o título *Livro das mil e uma noites* (ou, como quer Burton, *Book of the Thousand Nights and a Night* — *Livro das mil noites e uma noite*) seria considerado um belo título, se inventado esta manhã. Pensaríamos então: que título lindo! E é belo não só porque é lindo (como é lindo *Os crepúsculos do jardim*, de Lugones) mas também porque dá vontade de ler o livro.

A gente tem vontade de perder-se em *As mil e uma noites*, pois sabe que, se entrar nesse livro, é capaz de esquecer nosso pobre destino humano. Entrando nele, pode-se entrar num mundo que está repleto de figuras arquetípicas e de indivíduos também. No título de *As mil e uma noites* existe algo muito importante: a sugestão de que se trata de um livro infinito. E ele é, virtualmente. Os árabes dizem que ninguém pode ler *As mil e uma noites* até o fim. Não por tédio, mas porque se sente que o livro é infinito. Tenho em casa os dezessete volumes da tradução de Burton. Sei que nunca os lerei todos mas sei também que essas noites estão sempre à minha espera. Ainda que minha vida seja infeliz, os dezessete volumes aí estarão. Aí estará essa espécie de eternidade que são *As mil e uma noites* do Oriente.

Mas como definir o Oriente? Não me refiro ao Oriente real, que não existe. Eu diria que as noções de Oriente e Ocidente são generalizações. É que ninguém se sente oriental; imagino que um homem se sinta persa, hindu ou malaio; mas não oriental. Assim também, ninguém se sente latino-americano; sentimo-nos argentinos, chilenos, orientais (uruguaios). Isso mostra a inexistência do conceito de oriental. Qual é seu fundamento? Antes de tudo, trata-se de um mundo de extremos, onde as pessoas são muito desgraçadas ou muito felizes, muito ricas ou muito pobres. Esse é também um mundo onde os reis não precisam explicar o que fazem; digamos que seus reis são tão irresponsáveis quanto os deuses.

Além disso, existe a idéia dos tesouros escondidos, que podem ser descobertos por qualquer

peessoa. E a idéia da magia, que é algo muito importante. O que é a magia? Uma causalidade diferente. Nela supõe-se que, além das relações causais que conhecemos, existe uma outra. Esta relação causal desconhecida pode ser despertada por acidentes, por um anel ou uma lâmpada. Esfregamos um anel ou uma lâmpada e aparece o gênio. Um gênio que é escravo mas também onipotente cumpridor de nossa vontade. Trata-se de algo que pode acontecer a qualquer momento.

Recordemos a história do pescador e do gênio. O pescador tem quatro filhos e é pobre. Todas as manhãs ele lança sua rede a algum mar. A expressão *algum mar* já é em si uma expressão mágica que nos coloca dentro de um mundo de geografia indefinida. O pescador não se aproxima do mar mas de *algum mar*, onde lança sua rede. Certa manhã, atira e retira sua rede por três vezes; encontra um burro morto, três moringas quebradas e várias coisas inúteis. Atira a rede pela quarta vez (sempre recitando um poema) e sente-a muito pesada. Espera retirá-la cheia de peixes; ao invés, encontra apenas um jarro de cobre amarelo, marcado com o selo de Solimã (Salomão). O pescador abre o jarro, de onde sai uma fumaça espessa. Ele acha que poderá vender o jarro a algum comerciante de quinquilharias. Enquanto isso, a fumaça chega até o céu e, ao se condensar, toma a forma de um gênio. O que são tais gênios? Trata-se de seres que pertencem a uma criação pré-adamita (anterior a Adão) e inferior aos homens. Podem ser gigantes. Segundo os muçulmanos, os gênios habitam todo o espaço e são invisíveis, intocáveis.

Então o gênio diz: "Louvado seja Deus e seu apóstolo Salomão". O pescador lhe pergunta por que menciona Salomão, que morreu há tanto tempo; mesmo porque agora o apóstolo do Senhor é Maomé; e lhe pergunta também por que estava fechado dentro do jarro. O gênio conta que se rebelou contra Salomão e por isso foi trancado dentro do jarro; a seguir, Salomão selou e jogou o jarro no fundo do mar. Passaram-se quatrocentos anos. O gênio jurou que daria todo o ouro do mundo a quem o libertasse, mas isso não aconteceu. Jurou que ensinaria o canto dos pássaros a quem o libertasse. Os séculos foram passando e as promessas se multiplicando. Afinal, ele acaba jurando que matará a quem o libertar. "Agora preciso cumprir meu juramento. Prepare-se para morrer, ó meu salvador!" Esse arroubo de ira torna o gênio estranhamente humano e, quem sabe, amável. Aterrorizado, o pescador finge não acreditar na história e diz: "O que você me contou não é verdade. Como é que você, cuja cabeça toca o céu e cujos pés tocam a terra, pôde caber neste minúsculo recipiente?". O gênio responde: "Vou lhe mostrar, ó homem de pouca fé". Então ele encolhe de novo e entra no jarro. O pescador fecha o jarro e ameaça o gênio.

A história continua. Há um momento em que o protagonista não é um pescador mas um rei; depois, torna-se o rei das Ilhas Negras; no final, tudo se junta. Esse é um dado típico de *As mil e uma noites*. Pode-se pensar naquelas esferas chinesas dentro das quais há outras esferas; ou nos bonequinhos russos do mesmo tipo. Encontra-se algo semelhante no *Quixote*, mas não levado ao extremo de *As mil e uma noites*. Além de que,

tudo isso se insere num amplo relato central que os senhores conhecem: o do sultão que foi enganado por sua mulher e, para evitar que a traição se repita, resolve casar-se a cada noite, mandando matar a esposa na manhã seguinte. Até que Sheherazade decide salvar as demais e vai entre-  
tendo o sultão com histórias que ficam incompletas. Passam-se mil e uma noites sobre os dois. Até que ela lhe mostra um filho.

Esses contos que estão dentro de contos produzem um efeito curioso, quase infinito, como uma espécie de vertigem. Muito mais tarde, tal recurso foi imitado por outros escritores; são assim os livros de *Alice*, de Lewis Carroll, e o romance *Sylvia and Bruno*, onde existem sonhos dentro de sonhos que se ramificam e se multiplicam.

O tema dos sonhos é, aliás, um dos preferidos de *As mil e uma noites*. Há, por exemplo, aquela admirável história dos dois que sonharam. Um habitante do Cairo sonha que uma voz lhe diz, em sonhos, para ir à cidade de Isfajã, na Pérsia, onde encontrará um tesouro. Ele enfrenta a longa e perigosa viagem até Isfajã, onde chega esgotado e se deita no pátio de uma mesquita, para descansar. Não sabe que está no meio de ladrões. Mais tarde, são todos presos. O cádi lhe pergunta por que veio àquela cidade. O egípcio lhe conta sua história. O cádi tem um ataque de riso e lhe responde: "Homem ingênuo e sem juízo, por três vezes sonhei com uma casa no Cairo; ao fundo há um jardim e, no jardim, um relógio de sol, além de uma fonte e uma figueira; sob a fonte, há um tesouro escondido; jamais acreditei nessa mentira. Não apareça mais em

Isfajã. Tome esta moeda e vá embora". O outro voltou ao Cairo. Tinha reconhecido sua própria casa, no sonho do cádi. Ao chegar, escava debaixo da fonte e encontra o tesouro.

Em *As mil e uma noites* há ecos do Ocidente. Encontram-se aí as aventuras de Ulisses — exceto que Ulisses se chama agora Simbad, o Marujo. Às vezes as aventuras são as mesmas — por exemplo, o episódio de Polifemo. Para construir o palácio de *As mil e uma noites* foram necessárias gerações inteiras de homens, que são nossos benfeitores, já que nos legaram esse livro inesgotável e capaz de tantas metamorfoses. Falo em metamorfoses porque o primeiro texto — o de Galland — é bastante simples e, talvez, o mais encantador de todos, aquele que exige menos esforço do leitor. Como disse o Capitão Burton, as versões posteriores não seriam possíveis sem esse primeiro texto.

Em 1704, Galland publicou o primeiro volume, que provocou uma espécie de escândalo e, ao mesmo tempo, certo encantamento na comedia França de Luís XIV. Sempre que se fala em movimento romântico, pensa-se em datas muito posteriores. Poderíamos dizer que o movimento romântico começa naquele exato momento em que alguém lê *As mil e uma noites*, na Normandia ou em Paris — saindo do mundo legislado por Boileau, para entrar no mundo da liberdade romântica.

Logo virão outros acontecimentos: o descobrimento francês, por intermédio de Lesage, do romance picaresco; as baladas escocesas e inglesas publicadas por Percy, em torno de 1750. Por volta de 1790, Coleridge inicia o movimento român-



tico na Inglaterra, sonhando com Kublai Khan, o protetor de Marco Pólo. Vemos portanto como o mundo é admirável e como tudo está entrelaçado.

A seguir, aparecem outras traduções. A de Lane vem acompanhada por uma enciclopédia dos costumes muçulmanos. A tradução antropológica e obscena de Burton está redigida num inglês estranho, parcialmente do século XIV, um inglês cheio de arcaísmos e neologismos, bonito mas às vezes difícil de compreender. Depois, vem a tradução licenciosa — nos dois sentidos da palavra — do Doutor Mardrus; e a tradução alemã de Littmann, literal mas sem nenhum encanto literário. Agora, felizmente, temos a tradução espanhola de Rafael Cansinos-Asséns, que foi meu mestre. Publicada no México, essa é talvez a melhor de todas as traduções. Também vem acompanhada de notas.

Há um conto — o mais famoso de *As mil e uma noites* — que não se encontra nas versões originais; trata-se da história de *Aladim e a lâmpada maravilhosa*. Ela aparece na versão de Galland, mas Burton não conseguiu encontrar o texto árabe ou persa. Houve suspeitas de que Galland tivesse falsificado a narrativa. Acho que a palavra “falsificar” é injusta e maligna; Galland tinha tanto direito de inventar um conto quanto aqueles *confabulatores nocturni*. Por que não se pode admitir que, após ter traduzido tantos contos, ele quis inventar um, que juntou aos outros?

A história não pára no conto de Galland. Em sua autobiografia, De Quincey diz que, em *As mil e uma noites*, há um conto superior a todos

os demais; esse conto, segundo ele incomparavelmente superior, é a história de Aladim, onde se fala de um mago do Magreb que vai à China porque sabe que aí encontrará a única pessoa capaz de desenterrar a lâmpada maravilhosa. Galland diz que o mago era um astrólogo a quem os astros revelaram que devia ir à China em busca do tal rapaz. De Quincey, dono de uma memória admiravelmente inventiva, contava uma história bastante diferente. Segundo ele, o mago teria encostado o ouvido no chão, para ouvir as inumeráveis pisadas dos homens. No meio delas, ele conseguiu distinguir as de um rapaz destinado a desenterrar a lâmpada. De Quincey diz que isso lhe inspirou a idéia de que o mundo está feito de correspondências e repleto de espelhos mágicos; e também a idéia de que as coisas maiores já se encontram cifradas nas menores. Mas essa história do mago que encosta o ouvido no chão e decifra os passos de Aladim não se encontra em nenhum dos textos originais. Trata-se de uma invenção que os sonhos ou a memória propiciaram a De Quincey.

*As mil e uma noites* não acabaram. Seu tempo continua se desenrolando infinitamente. O livro é traduzido no começo do século XVIII. No começo do século XIX ou final do XVIII, De Quincey o recorda de maneira diferente. As noites terão outros tradutores e cada tradutor dará uma versão diferente ao livro; de modo que poderíamos falar de muitos livros chamados *As mil e uma noites*. Há dois em francês, redigidos por Galland e Mardrus; em inglês há três, redigidos por Burton, Lane e Pane; há três em alemão, redigidos por Henning, Littmann e Weil; há um em

espanhol, de Cansinos-Asséns. Cada um desses livros é diferente dos demais, pois *As mil e uma noites* continuam crescendo ou sendo recriadas. O admirável Stevenson retomou, em suas maravilhosas *Novas mil e umas noites* (*New arabian nights*), o tema do príncipe disfarçado que percorre a cidade, em companhia de seu vizir, e vive estranhas aventuras. Stevenson inventou um príncipe, Floricel da Boêmia, e seu ajudante, o Coronel Geraldine, que juntos percorrem Londres. Mas não se trata de uma Londres real e sim de uma Londres parecida com Bagdá. Evidentemente, também não se trata de uma Bagdá verdadeira mas sim da Bagdá de *As mil e uma noites*.

Há um outro autor que merece nossa gratidão por sua obra: Chesterton, herdeiro de Stevenson. Aquela Londres fantástica, onde acontecem as aventuras do Padre Brown e do Homem que foi Quinta-Feira, não existiria se ele não tivesse lido Stevenson. E Stevenson não teria escrito suas *Novas mil e uma noites* se não tivesse lido *As mil e uma noites*. *As mil e uma noites* não são uma coisa morta. Trata-se de um livro tão vasto que nem é preciso lê-lo. Ele é parte prévia de nossa memória, assim como é igualmente parte desta noite.